

CAVAR FUNDO

*Conhece-te a ti mesmo
Sócrates (Filósofo ateniense)*

Um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento de cada um de nós é a capacidade de nos conhecermos, daí a frase tão repetida, apreciada, e na realidade tão ultrapassada, de Sócrates, referida em sub-epigrafe. No último texto que escrevi, e onde reflectia sobre o papel da psicologia nas Artes Marciais, usei uma expressão que suscitou algumas reacções, e que poucos tiveram a oportunidade de entender, havendo em alguns, a convicção que eu tinha tido pouco cuidado com a expressão:

“Será possível estudar-se, e praticar AM, sem ser feito um estudo sério da Psicologia? ...”

É a primeira frase do texto. A questão reside numa só palavra: *estudar-se*. Perguntaram-me se não seria mais correcto escrever: *estudar e praticar*, ou então, se não teria sido desatenção minha havendo mesmo uma das pessoas que me contactou, perguntando o porque da forma apresentada pelo paragrafo. Bom, fiquei satisfeito com esta última abordagem. Mesmo sem ele ter tido o cuidado de enquadrar devidamente a frase com o restante texto, nomeadamente com a primeira frase do último parágrafo, não deixou de entender que havia ali algum mais subtil. Vejamos:

“Numa visão marcial de estudo do que são as artes da guerra, o auto-conhecimento e o entendimento do que o outro no seu intimo vive, são contributos fundamentais para uma acção adequada. ...”

A questão está na palavra: *auto-conhecimento*. Não é possível fazer um estudo sério do outro se nos esquecermos daquele desconhecido que somos nós mesmos. Então a palavra *estudar-se* tinha sentido ...

A honestidade perante de nós mesmos é algo de profundamente complexo. O professor deve através de métodos pessoais, que nunca se repetem, pois todos somos mundos muito próprios, ajudar o aluno iniciado a cavar bem fundo na sua personalidade (inconsciente e subconsciente) e assim chegar às verdadeiras raízes dos problemas. Há quem cometa o erro de direccionar o aluno, acabando por indicar “caminhos” que levam a becos sem saída ou a falsas respostas. Na minha opinião, o papel do professor será colocar perante o aluno elementos que lhe permitam reflectir, e as conclusões devem ser dele. Pode ser uma conversa inocente, uma expressão, uma atitude, dependerá daquilo que o professor entender que seja a melhor abordagem, não havendo obviamente soluções milagrosas, mas nada deve ser casual. Mas se o auto conhecer-se e o estudar-se são parte do esforço, nas artes marciais, teremos também necessariamente de interagir com o outro entendendo-o, estudando-o. É claro que há excepções ... os artistas marciais de teclado e da net que sem saírem da cadeira se tornam Grandes Mestres da Ilusão e da Virtualidade.

Voltando a coisas sérias.



A própria falta de atenção e cuidado numa leitura são sintomáticas da leveza com que hoje estudamos e olhamos as coisas. O excesso de ruído nas nossas sociedades perturba, distrai e adoce a alma e o espírito dos nossos concidadãos. Aquilo que observamos no nosso dia-a-dia é a prova disso nos seus comportamentos cada vez mais agressivos, deprimidos e bizarros.

Não esqueçamos que o processo clássico de aprendizagem das AM, nomeadamente das artes japonesas, passava muito pelo silêncio do aluno, e da escassa comunicação oral do professor, pelo menos nos primeiros anos do estudo do aluno, valorizando-se a atenção/concentração, a memória visual, o cuidado de interpretações dos pormenores (dai também a importância de algumas artes culturais que eles iam abraçando em paralelo com as práticas físicas), o que ia educando o aluno a ir aos aspectos essenciais, sem se distrair com a conversa que hoje abunda, e que o impede de dar um salto qualitativo na sua aprendizagem, tanto de si mesmo, como da capacidade de observar e entender verdadeiramente o outro.

Não há nada de gratuito no momento em que dois oponentes que se observam, e quando vemos dois velhos mestres de 80 ou 90 anos imóveis de shinai na mão, observando, sentindo que a prolepse técnica nunca se realizará então entendemos que há muito mais ali que simples jactância de aprendizes que se julgam sabedores ... Há que cavar fundo. Nada se obtêm com leveza, sem esforço, com sacrifício, com honestidade, respeitando a verdade.

Lisboa, 19 de Junho de 2014